

FEIRA DE PRODUTOS ORGÂNICOS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA

Viviane Alves de Oliveira Feitosa (1); Ana Patrícia da Silva Mendes Paton Viegas (2); Maria Aparecida de Medeiros (3)

1 (Universidade Estadual do Ceará, vivi.ufc@hotmail.com). 2 (Universidade Federal do Ceará, vivi.ufc@hotmail.com). 3 (Universidade Federal do Ceará, medeiros.cida@gmail.com)

Introdução

O objetivo do presente artigo é analisar as contribuições potenciais das feiras orgânicas para o ensino de Biologia. Para tanto escolhemos iniciar contando um pouco da nossa relação com uma feira agroecológica na cidade de Fortaleza, a qual faz comércio de produtos orgânicos.

O tema da comercialização de alimentos orgânicos é, de certa forma, recente no Brasil. Apesar disso, atualmente, a difusão das ideias ligadas ao tema nos meios de comunicação em massa também parece ter gerado uma profusão de trabalhos acadêmicos e pesquisas sobre esse campo (SÁ et al., 2014).

A comercialização desses produtos vem ganhando força nas últimas décadas, devido ao aumento da demanda por alimentos produzidos com menos agrotóxicos e, conseqüentemente, menos agressivos ao meio ambiente. Para Campanhola e Valarini (2001), essa parece ser uma tendência mundial que se reflete também em nosso país.

Não obstante, é oportuno indicar que a importância dos orgânicos vai além da análise econômica dos dados estatísticos. É preciso atentar também para os contextos ambiental, cultural e socioeconômico, no qual esse modelo de produção se reproduz. Dito isso, é relevante analisar o papel educativo desses espaços.

Metodologia

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa por possuir características descritivas e por atribuir grande relevância ao contexto em que foi conduzida a pesquisa. Bogdan e Biklen (1994) entendem o termo “investigação qualitativa” como sendo genérico, abrangendo diversas estratégias de investigação e compartilhando algumas características. Para eles, os dados

qualitativos são ricos em descrições sobre pessoas, locais e conversas e buscam captar a perspectiva dos sujeitos participantes no processo investigativo.

Nesse sentido, destaca-se que a pesquisa qualitativa em educação pode ser feita a partir de diferentes métodos em vários contextos. A presente pesquisa foi elaborada através de embasamento em narrativas de vivências (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015). A respeito de tal panorama metodológico, Lima, Geraldi e Geraldi (2015) afirmam que as narrativas autobiográficas decorrem de uma situação não experimental, mas vivencial.

A especificidade dessa perspectiva se encontra na ideia de que o sujeito da vivência a narra para que, posteriormente, possa se extrair aprendizados que sirvam como conhecimentos produzidos após o fenômeno ocorrido. As narrativas biográficas ou autobiográficas

[...] visam à reconstituição da história de uma pessoa (ou de si próprio no caso das autobiografias) e que possibilitam o encontro do narrador com o(s) seu(s) eu(s) ou do biógrafo/narrador com os vários "eus" de sua personagem. (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p. 25).

Como forma de exposição das ideias contidas no texto usamos o ensaio (ADORNO, 2003; LARROSA, 2003; VILLELA PEREIRA, 2013), estilo transgressor e que não combina muito com a rigidez das academias de ciências e centros de pesquisa, buscamos dialogar com a literatura e com a nossa própria experiência de vida para vislumbrar possibilidade de utilização das atividades. Dita essas palavras sobre nossa relação com uma feira de produtos orgânicos da cidade de Fortaleza, passamos agora a discorrer sobre as possibilidades que o método ensaístico possui para as ciências, em especial para o campo da pesquisa na área de ensino de Biologia.

Podemos iniciar esse diálogo trazendo à tona a percepção de que a palavra, contida nas formas de expressão usadas pelos cientistas para publicizar os resultados das suas investigações, pode ser, por um lado um cárcere e, por outro, libertação do pensamento racional humanos de uma feira de produtos orgânicos para a educação.

No que diz respeito à escrita científica acadêmica, do ponto de vista histórico, as ciências produziram, ao longo do tempo histórico, “regras de enunciação que contribuíssem para que essa linguagem aparecesse de maneira neutra e impessoal” (VILLELA PEREIRA, 2013, p. 216). E tal busca por impessoalidade atua como uma armadilha que tenta afastar o sujeito da linguagem, como se as palavras da ciência pudessem se elevar para além da sociedade e da história.

Dentre as regras de comunicação usadas nos textos acadêmicos podemos destacar o uso de frases objetivas, escritas de configuração direta, levando o leitor a andar num caminho de raciocínio inequívoco. Tal dureza é um recurso utilizado para fazer da escritura apenas um meio de comunicação de um conceito, ela mesma buscando ser inequívoca. A escrita, para o meio científico, não pode aparecer. O leitor do texto acadêmico deve ler sem ler.

Porém, nem sempre a comunicação científica se deu dessa maneira. Adorno (2003) declara que os grandes pensadores renascentistas, por exemplo, eram estudiosos de vários campos, incluindo arte, ciência, escrita, moral, etc. Porém, com o desenvolvimento das atuais forças produtivas, com a objetivação do mundo, “resultado a progressiva desmitologização, a ciência e a arte se separaram” (ADORNO, 2003, p. 20).

O ensaio é uma forma de retomada dessa relação perdida. O ensaio é semelhante à arte devido ao seu caráter estilístico. No resto, “ele necessariamente se aproxima da teoria, em razão dos conceitos que nele aparecem, trazendo de fora não só seus significados, mas também seus referenciais teóricos” (ADORNO, 2003, p. 37).

Dito isso, o ensaio pode ser uma porta para recuperarmos a escrita enquanto arte, expressão que não se desvincula do saber sistematizado característico da ciência. O ensaio também pode servir para reduzir as fronteiras entre o palavreado “dos cientistas” e a linguagem dos “professores da escola básica”.

Resultados

Um primeiro ensaio

A feira agroecológica do bairro do Benfica acontece quinzenalmente, em dias no sábado, no período da manhã das 7h às 12h, na Praça da Gentilândia. O ambiente da feira é muito mais do que um simples local de compras de produtos orgânicos. É um espaço em que as pessoas compartilham suas informações sobre outros lugares que também comercializem produtos naturais e/ou orgânicos. A Feira Agroecológica do Benfica se torna também um ambiente destinado à visibilidade da arte e cultura local, popular e de rua, onde há oficinas pedagógicas. Nelas os saberes são partilhados, dentre desse espaço de encontros e reuniões de movimentos sociais e grupos populares. É uma resistência verde florescendo em meio ao cinza da cidade grande.

Muitas vezes percebemos que o dia da feira era muito mais do que comprar os alimentos que temos necessidade para nossa vida. Em várias ocasiões ela se transformou também

em recinto de encontro, no qual degustávamos com nossos amigos os salgados, sucos e guloseimas que são vendidos na feira. Os artesanatos, os cactos ornamentados, traziam beleza natural para nosso lar.

A relação que se dava nesse espaço era muito mais do que comercialização. Tornava uma experiência de aprendizagem, pois todos ali envolvidos compartilhavam o percurso de construção ou elaboração daquilo que estava comercializando.

A feira se torna um espaço, um momento de se conectar com o mundo, com as pessoas. Sentimos que lá as pessoas estão desarmadas da desconfiança, do medo e de todos os sentimentos negativos que possam existir na nossa humanidade. Nesse lócus somos recarregados por uma energia da Mãe-Terra, fortalecedora de positividade.

Lá só encontramos sorrisos nos rostos de quem ali estão. Toda vez que retornamos para casa, voltamos com o coração preenchido de esperança que a humanidade ainda tem jeito, pois cada dia que vamos a feira, vemos crescer o número de frequentadores que buscam uma alimentação mais saudável e alternativa, para que possam contribuir para uma sociedade mais justa.

Um segundo ensaio

Antes de falar como a feira-livre pode ser uma ferramenta interessante para o ensino de Biologia, é preciso, primeiramente, realizar um diagnóstico desse campo. O ensino de Biologia, sobretudo na educação básica, está arraigado pela concepção tecnicista, neutra, a-política e a-histórica da educação (FEITOSA; DIAS, 2015).

Visando superar essas deficiências, várias propostas foram feitas para tornar o tema mais atrativo aos jovens, como, por exemplo, buscar um ensino mais ativo, inter/multi/transdisciplinar, dialógico, com uso de novas tecnologias, etc.

Para implementar essas propostas de ensino ativo, uma simples visita a uma feira livre pode ser uma boa possibilidade para o(a) professor(a) de Biologia. Acreditamos que no espaço da feira, com as teias que se formam nela, podemos utilizá-la como recurso para o ensino de Biologia. Quando questionamos aos feirantes e aprendemos com eles quais são as etapas de preparação do solo e até a colheita das hortaliças, verduras e frutas. Podemos nesse processo estudar o ciclo da vida que vem desde do surgimento do broto(da vida) até a colheita e posteriormente a decomposição da espécie para surgimento do novo ser.

Também podemos compreender o processo de elaboração de soluções naturais para combater ou fortalecer as plantações. A elaboração de chás e lambedores que podem ser usados nos espaços escolares como soluções homeopáticas no tratamento de alguns males. Quando optamos por uma alimentação saudável livre de agrotóxicos e tomamos consciência no espaço da feira o prejuízo ao organismo o consumo de alimento contaminado. Essa escolha consciente de estarmos ligados a todo o processo desde o cuidado com o solo a colheita do alimento enriquece o corpo e alma. Construindo nos educandos uma responsabilidade e valorização da importância do alimento no espaço escolar e expandindo essa responsabilidade para seus lares.

Outrossim, as vivências e aprendizagem não permanecem somente nesse espaço. Muitos perpetuam essas informações para outros lugares. O manejo e o cuidado do solo, o que observar passa ser rotina e incorporado a outros espaços. Como uma criação de uma horta residencial. Porque na feira é ensinado, quando se pergunta, por exemplo, que alimentos podem novamente germinar se você plantar suas raízes?

Conclusões

No espaço na feira livre podemos estudar e entender sobre alimentação saudável, não somente referente às frutas, às verduras ou às hortaliças, mas aos alimentos que são comercializados prontos como os pães, bolo, pizza, suco e outros. Podemos classificá-los, saber se são saudáveis e sobre a origem desses produtos. Ao mesmo tempo em que degustamos alimentos saborosos, aprendemos a arte de consumir para além do sabor, algo que seja realmente nutritivo ao nosso organismo. Aprendemos aproveitar partes das frutas, das verduras ou das hortaliças que antes eram descartáveis e levado ao lixo e hoje faz parte do cardápio.

Outro tema a ser abordado é o consumo do mel, produto que também é comercializado na feira. Podemos estudamos e aprender sobre algumas espécies de abelha existentes nas serras e chapadas, suas características e sua procedência. Varias informações que irão respaldar o sabor e a coloração do mel. A importância da abelha não só como produtora de mel, mas polinizadora de várias espécies no nosso ecossistema.

No espaço da feira existem plantas ornamentais, que algumas são formadas por modelos de micro ecossistemas de plantas da espécie de cactos. Nesse locus, podemos pesquisar o que é preciso para que elas sobrevivam, saber suas características, necessidades solar, de água, etc. Essa vivência nos possibilita a representação do Terrário que representa de forma concreta uma miniestrutura do nosso ecossistema, que viabiliza a compreensão dos educandos de forma mais

simples e singular sobre o ciclo da água e a importância de cada espécie para o equilíbrio e funcionalidade na natureza.

Enfim, estar na feira livre é estudar sua biologia, sua cultura, sua história. É ver e conviver com os movimentos ambientalistas, caros ao campo do ensino de Biologia. É poder ver, sentir, cheirar, experimentar e viver a ciência que estuda a vida em sua plenitude.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: _____ **Notas de literatura**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003, p. 15-45.

CAMPANHOLA Clayton; VALARINI, Pedro José. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v.18, n.3, p.69-101, 2001.

FEITOSA, Raphael Alves; DIAS, Ana Maria Iorio. **Ensino, Currículo(s) e Formação Docente: Mandala(s) como expressão da omnilateralidade e das ciências**. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n.2, p. 101-115, 2003.

LIMA, M.E.C.C.; GERALDI, C.M.G.; GERALDI, J.W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.1, v.31, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

SÁ, Marcelo Alexandre de; GONÇALVES, Eder Borba; SOUZA, Vitória Augusta Braga de; LAPOLLI, Édis Mafra. Produtores orgânicos e a sustentabilidade. *Rev. Bras. de Agroecologia*. Pelotas, v. 9, n. 2, p. 84-97, 2014.

VILLELA PEREIRA, Marcos. A escrita acadêmica - do excessivo ao razoável. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, 2013, p. 213-228.